



HISTÓRIA ORAL E OS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO: NARRATIVAS DO COTIDIANO ESCOLAR

MARCO ALEXANDRE NONATO CAVALCANTI¹

INTRODUÇÃO

Com o processo de democratização da escola pública, junto com as mudanças ocorridas no processo educativo nos últimos anos, tornou-se necessário um movimento de mudança diante da realidade escolar, no qual a gestão escolar e pedagógica das escolas públicas não se concretiza apenas na figura do corpo docente e da equipe gestora, mas com a participação efetiva de todos os indivíduos envolvidos no processo educativo, ou seja, os funcionários e não-docentes. Desta forma, esses funcionários de escola passam a ser considerados também como educadores, assumindo um papel ativo no processo educativo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, em seu artigo 61 prevê:

Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

- I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;
- II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;
- III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim. (BRASIL, 1996)

Diante disso, o processo de ensino e aprendizado, não fica restrito somente a uma questão cognitiva, mas a toda e qualquer forma de construção de um determinado conhecimento que possa vir a favorecer a formação integral do indivíduo e não necessariamente pautada na ação do professor, sendo fundamental a colaboração de todos os demais trabalhadores da escola.

¹ Graduado em História pela Universidade de Santo Amaro (2013) e em Pedagogia pela Universidade Cidade de São Paulo (2010). Especialização em Gestão Escolar e em Educação de Jovens e Adultos. Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em História com projeto voltado à Educação Patrimonial. Doutorando em Educação: História, Política e Sociedade pela PUC-SP



2

A escola de hoje se baseia em um processo de aprendizagem do educando de uma forma mais ampla. Deve garantir não apenas o espaço da sala de aula como todas as dimensões e oportunidades de aprendizagem que possam ser exploradas e desenvolvidas, dentro e fora da escola. Nessa perspectiva, todos os espaços irão se constituir como espaços educativos e exigir de todos os sujeitos que transitam no ambiente escolar uma atenção e colaboração no processo de ensino.

Torna-se fundamental uma educação envolvida com a cidadania, em que os indivíduos sejam capazes se comunicar, de conviver e preparados para o diálogo em um mundo interativo, nesta nova realidade em que os indivíduos reconhecem a interdependência dos processos individuais e dos processos coletivos.

É dentro desse novo paradigma educacional que assume importante papel a figura do funcionário de escola, atuando de forma a garantir a formação cidadã dos sujeitos em desenvolvimento.

Assim, é possível afirmar que todos os funcionários de escola passam a ter uma ação formativa diante de seu trabalho desempenhado dentro da escola ou em função dela. Conforme afirma Monlevade (2003):

[...] o maior tamanho e a maior complexidade das escolas de educação infantil, ensino fundamental e médio resultaram, nos últimos anos, em um crescimento exponencial da presença, além dos professores, de diversos trabalhadores e trabalhadoras nas mais variadas funções fora da docência. (MONLEVADE,2003)

Ao se transmitir valores e maneiras de se relacionar com as pessoas, o funcionário estará contribuindo para uma formação cidadã do estudante. Mostrar aos educandos que a manutenção da limpeza do ambiente escolar favorece o trabalho pedagógico de qualidade é uma das formas de transmissão de atitudes positivas e educadoras, além de valorizar e dar sentido ao seu próprio trabalho.



3

Também é importante ressaltar a importância de pertencimento de todos os funcionários, sendo eles considerados parte fundamental de uma escola, sendo preciso ações que permitam a integração desses no coletivo e entender seus processos individuais de construção de suas identidades como educadores. Uma forma de trabalho com a história oral permite ouvir não somente minorias, mas valorizar todos aqueles que estejam representados dentro do espaço escolar nas pesquisas e investigações, ao permitir que suas possam dar respostas aos nossos questionamentos. Somente conhecendo os objetivos educacionais é que eles agirão no dia a dia de acordo com os valores estabelecidos.

Neste caso estudado, são trabalhadas as memórias de um grupo de trabalhadores vinculados e estabelecidos em escolas da rede pública municipal da cidade de Santo André, na grande São Paulo, cujas suas funções e atividades cotidianas atribuídas não têm o devido reconhecimento de serem como profissionais da educação, por mais que seus atributos estejam diretamente ligados ao cotidiano escolar e a prática educativa em suas ações.

HISTÓRIA ORAL

A História Oral é vista por uma grande maioria de pesquisadores como uma metodologia ou método de pesquisa que utiliza uma técnica própria para registrar as narrativas das experiências das pessoas, histórias que há muito as pessoas sabiam e contavam, mas que estavam à margem da documentação produzida pela História oficial. Sobre a questão, Verena Alberti (1997, p. 218) aponta que:

A História Oral é um campo de trabalho e uma metodologia que tem uma história e algumas genealogias míticas; que ela se caracteriza pela interdisciplinaridade e pelas muitas possibilidades de emprego, desde a política, passando pela história dos movimentos sociais, pela história de trabalhadores, de instituições, até a história da memória, por exemplo, que ela se insere no campo da história presente; que está intimamente ligada às noções de biografia e história de vida; que a fonte oral tem especificidades que a diferenciam de outras fontes históricas, e assim por diante. (ALBERTI 1997, p. 218)



4

Desta forma, o campo é amplo e de muitos questionamentos. Mas, deve-se atentar em aspectos do uso da História Oral como fonte de pesquisa. Dentre essas questões, é importante destacar quatro aspectos: o debate sobre memória coletiva e individual e sua relação com a história; a preocupação com a veracidade e a credibilidade das fontes; a ética na relação com a entrevista e a produção do documento.

São importantes objetos de estudos para a História o tratamento dado à memória e as questões que a envolvem. Ao tratar a História Oral como fonte, torna-se importante, pois, a partir dela vale-se da memória para a recuperação de determinadas narrativas em entrevistas, e a produção de documentos que possam dar credibilidade a toda a pesquisa. Sobre a memória, Jacques Le Goff afirma:

Como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1992, p. 423)

Assim, a memória coletiva, para o autor, é construída ao longo da história da humanidade e se constituiu das mais diversas formas, desde sociedades sem escrita até a invenção da imprensa, como meio de produzir documentos e registros para a preservação do passado. Essa construção passa por celebrações e comemorações para lembrar histórias e a memória dos antepassados, passa pela descoberta da fotografia, pela compilação de documentos em bibliotecas, pela criação de museus, arquivos e dos mais diversos acervos e chega até a atualidade, com a disponibilidade tecnológica para o armazenamento de grande quantidade de informações.

Todos esses aspectos se colam e se constituem na trajetória da humanidade, como uma maneira de manter a memória e o passado produzido por pessoas e instituições, que fizeram e continuam fazendo a história. Conforme o autor nos aponta, “a memória, onde cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1992, p. 477).



5

A memória que se constitui no decorrer dos tempos, alterna-se nos diversos modos de registro, e que é essencialmente resultado da ação humana, está sendo investigada como possibilidade de transmitir uma parte da história. Dizemos isso, pois, trabalhando com a memória de pessoas que estão vivas, a História Oral só pode abarcar no máximo um século de história, história que pode ser contada no tempo presente, sendo trazida em fragmentos que foram guardados e valorizados pela memória de cada indivíduo. Segundo Jacy Alves de Seixas:

A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação aos outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente” –, a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória. (SEIXAS, 2001, p. 51)

Os fatos e acontecimentos são preservados e recuperados pela memória, revelando-se conforme as histórias vão sendo contadas e misturando passados e presentes em diferentes tempos. Tais lembranças se misturam e criam uma realidade em que o cuidado é se aliar ao máximo dos acontecimentos, conforme aconteceram, mas que também são modificados pela distância do que foi vivido.

Com relação à preservação da memória, as comunidades, grupos e pessoas montam estratégias para manter e preservar lugares, tradições e eventos, a partir de celebrações, comemorações, preservação de objetos, fotografias, memoriais, entre outros. Tais objetos funcionam como representação do passado e permite que sejam lembrados.

A experiência de lembrar por meio de objetos que possibilitem a memória ser despertada é interessante no trabalho de História Oral, pois, em muitos momentos, ela amplia a capacidade de rememorar fatos ou acontecimentos vividos, conforme aponta Walter Benjamin:

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma



6

chave para tudo o que veio antes e depois. Os acontecimentos que se encerraram em determinado momento vivido podem ser lembrados e recontados a partir dos objetos, fragmentos trazidos pela memória à medida que as experiências são evocadas. (BENJAMIN, 1993, p.37)

Ao se trabalhar com a História Oral, em diversas ocasiões, vai-se além do realmente vivido. Nessas situações, a ação de lembrar pode provocar reflexões e se permite a ampliação de histórias, isto é, contar com imaginação e liberdade, reafirmando esse caráter, apontado por Benjamin, da ilimitada capacidade da lembrança.

HISTÓRIA ORAL E OS FUNCIONÁRIOS DA EDUCAÇÃO

Ao se refletir sobre atuação dos funcionários de escola enquanto educadores é preciso levar em consideração também questões referentes a identidade desses sujeitos envolvidos no processo educativo, pois é na identificação com a função social de seu trabalho que o trabalhador em educação atuará como formador na escola em que trabalha.(MONLEVADE, 2010)

O processo de construção de uma identidade de educador se torna um dos elementos de maior importância na efetivação da participação coletiva, exigência de uma gestão democrática que contempla todos os segmentos da escola na sua gestão. Para ser educador é preciso observar o espaço em que atua e opinar, sugerir mudanças, fazer críticas construtivas e apontar soluções de melhoria da gestão.

Outro fator é a autonomia em suas ações, sendo que os profissionais da educação que compreendem a importância de seu papel e de suas funções saberão tomar decisões acertadas frente ao desenvolvimento de seu trabalho e na condução de atitudes que poderão orientar os educandos nas mais diversas situações que surgirem dentro da escola, desde uma mediação de pequenos conflitos, por exemplo, até um aconselhamento ou orientação diante de situações e desafios do cotidiano.



7

Esse reconhecimento de si e a importância de seu papel dentro da escola, faz esse profissional procurar por melhorias em sua uma qualificação profissional, levando-o a um crescimento pessoal, aumento de perspectivas, motivando-o à uma formação para à cidadania e na elevação da autoestima, melhorando a qualidade de vida de quem se forma e daqueles que estão ao seu redor, pois poderá utilizar os conhecimentos adquiridos, colocando-os em prática na escola em que atua, sentindo-se parte de um todo e atuando ativamente, contribuindo no andamento da escola. Percebe-se uma mudança de postura do profissional que busca qualificação, atribuída em grande parte pela mudança de perspectiva que o conhecimento oferece e a oportunidade de continuar qualificando-se.

Vale ressaltar também, por sua importância nesse debate, que a legislação educacional e a política proposta pelo Ministério da Educação mostra avanços significativos nos últimos anos em promover ações e valorizar os profissionais da educação não docentes².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola reavalia sua função como um espaço de aprendizagem constante não só para seus educandos, mas também para os funcionários. Deve-se falar em uma formação docente, mas também levar em consideração que os demais profissionais também precisam de informações e de troca de experiências para melhor exercer as funções, sempre visando à melhoria do serviço segundo a dimensão educativa do trabalho.

O tratamento das fontes orais é muito importante, pois torna necessária a técnica, dedicação e conhecimentos específicos, para uma qualidade no trabalho de pesquisa. Além disso, é imprescindível o cuidado ao registrar a memória de indivíduos e instituições, ampliando os debates em grupos de pesquisa, o acompanhamento de projetos em história, além de permitir uma investigação diante das mais diferentes temáticas.

² Caderno de estudos do PROFUNCIÓNÁRIO: Gestão em Educação Escolar, elaborado para atender a criação da área de Formação Técnica Profissional, resolução do CNE, nº 05/2005, vem resgatar a dignidade do profissional da educação, atribuindo-lhe uma identidade funcional (DOURADO, 2012).



8

Ao oferecer esse debate sobre história oral e sua utilização junto aos funcionários da educação, oferece-se também a oportunidade de seguimento nos estudos e uma maior coesão entre equipe diretiva e equipe de apoio. Nos cursos oferecidos, as disciplinas promovem uma reflexão crítica da escola trazendo informações não apenas sobre o ofício de cada um, mas sobre educação de forma geral, numa linguagem acessível. Sendo assim, formação e reconhecimento profissional caminham lado a lado e são caminhos necessários a uma educação integral que envolva todos os sujeitos participantes do processo.

Além disso, não se pode esquecer a importância de dar visibilidade aos que estão à margem da história oficial e que a História oral, como fonte, tem a necessidade de cumprir esse relevante papel social. A questão primordial sobre a construção da identidade dos funcionários de escola e sua atuação como educador começa quando estes passam a compreender que necessitam participar ativamente dos processos educativos da escola, seja ao dar opiniões em eventos de encontro de toda a equipe, ao sugerir sobre as questões do ambiente escolar ou ao atuar junto aos educandos, em contribuição com a formação cidadã dos mesmos.

Dessa forma, tanto funcionários como docentes e equipe gestora garantem a gestão democrática nas escolas, ampliam a organização de um espaço educativo construído as necessidades da comunidade em que se inserem.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. Ensaio bibliográfico: obras coletivas de História Oral. In: Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1997, p. 206-19.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: Obras Escolhidas. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRASIL, LBD. Lei 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em<
www.mec.gov.br>



9

DOURADO, Luiz Fernandes Dourado. Caderno de estudos do PROFUNCIÓNÁRIO: Gestão em Educação Escolar. 4ª Ed. atualizada e revisada.- Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso/ Rede e-Tec Brasil 2012.

LE GOFF. J. História e memória. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.

MONLEVADE, João. Referencial para a valorização dos trabalhadores em educação não-docentes. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE VALORIZAÇÃO DE TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. Brasília: MEC, 2004. Para saber mais sobre o assunto: MONLEVADE, João. Funcionários das escolas públicas: educadores profissionais ou servidores descartáveis? Ceilândia: Idea Editora, 2003.

_____. História e Construção da Identidade. 2010.

SEIXAS, J. A. Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI & NAXARA. (orgs.) Memória e ressentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas/SP: Unicamp, 2001.